
Intervenções assistidas por animais e a importância do médico veterinário neste contexto: Revisão de literatura

The importance of the veterinarian in animal-assisted interventions: Literature review

Gabriela De Carvalho Jardim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4731-7235>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: gabrieladecarvalhojardim@gmail.com

Mariana Reis Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7661-440X>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: marianareis.veterinaria@gmail.com

Mariana Timm Krolow

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0698-0284>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: krolow.mariana@gmail.com

Vitória Ramos de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6725-6789>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: vitoriarfreitass@gmail.com

Tábata Pereira Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3537-5374>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: tabata_pd@yahoo.com.br

Marlete Brum Cleff

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9082-5185>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: marletecleff@gmail.com

RESUMO

Os benefícios oriundos da convivência humano-animal impulsionaram o interesse e conhecimento acerca das práticas das Intervenções Assistidas por Animais (IAA). Entretanto, não há um consenso definido acerca da obrigatoriedade do médico veterinário. Dessa forma, o objetivo desta revisão foi demonstrar a importância do médico veterinário nas equipes de IAA. Para tal, realizou-se uma busca manual de artigos científicos publicados entre os anos de 2002 e 2022, nas bases de dados PubMed, Scielo e Google Acadêmico, usando termos específicos como indexadores. Ao final, 57 artigos foram selecionados. Para que as IAA's ocorram é necessário o treinamento e acompanhamento de saúde dos animais, porém muitas destas atividades têm sido desenvolvidas por outros profissionais. As IAA são comumente desenvolvidas em pacientes imunossuprimidos, o que sugere uma importante preocupação, pois os animais podem atuar como reservatórios ou disseminadores de patógenos. Assim afirmamos a importância do médico veterinário nas atividades de IAA, para prevenir que os indivíduos envolvidos, tanto homem quanto animal, sofram qualquer dano em relação à sua saúde física e mental.

Palavras-chave: Pet terapia; Animais domésticos; Zoonoses; Multirresistência; *One Health*.

ABSTRACT

The benefits of human-animal coexistence have boosted interest and knowledge about Animal Assisted Interventions (AAI) practices. However, there is no definite consensus about the obligation of the veterinarian. Thus, the objective of this review was to demonstrate the importance of the veterinarian in AAI teams. To this end, a manual search of scientific articles published between 2002 and 2022 was carried out in the PubMed, Scielo and Google Scholar databases, using specific terms as indexers. In the end, 57 articles were selected. In order for AAIs to occur, training and health monitoring of animals are necessary, but many of these activities have been developed by other professionals. AAIs are commonly developed in immunosuppressed patients, which suggests an important concern, as animals can act as reservoirs or disseminators of pathogens. Thus, we affirm the importance of the veterinarian in AAI activities, to prevent that the individuals involved, both man and animal, suffer any damage in relation to their physical and mental health.

Keywords: Pet therapy; Domestic animals; Zoonosis; Multiresistance; One Health.

INTRODUÇÃO

O grupo de trabalho da *American Veterinary Medical Association* (AVMA) define o elo homem-animal como “uma relação dinâmica e mutualmente benéfica entre pessoas e outros animais, influenciada por comportamentos essenciais para a saúde e bem-estar dos envolvidos, incluindo, mas não estando limitada a, interações emocionais, psicológicas e físicas entre humanos e outros animais.” Esta instituição destaca o profissional Médico Veterinário, como responsável por maximizar o potencial desta relação interespecie (AVMA, 2018).

A relação entre humanos e animais auxilia no desenvolvimento de habilidades sociais, motoras e cognitivas (KRUG, 2019) trazendo benefícios a saúde e bem estar humano. Recentemente, durante a pandemia do COVID-19, foi documentado a importância que os animais tiveram para as pessoas, servindo de companhia e proporcionando uma troca mútua de acolhimento e afeto, refletindo no bem-estar entre tutor-animal (DIVINO, 2020; KRUG *et al.*, 2021). Os benefícios oriundos dessa convivência humano-animal impulsionaram o interesse e conhecimento sobre as práticas das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), as quais são divididas nas modalidades: Atividades Assistida por Animais (AAA), Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Educação Assistida por Animais (EAA), sendo todas mediadas por um animal que atua como coterapeuta (LIMA *et al.*, 2018).

Entretanto, apesar dos animais serem os protagonistas em todas as modalidades de IAA, são os profissionais das áreas de saúde humana como da enfermagem, fisioterapia, medicina e da área da educação, os mais envolvidos nestas práticas (FREITAS, 2019). Em relação a regulamentação, somente a prática de equoterapia é regulamentada no país (BRASIL, 2019) assim, gerando lacunas para as práticas com outros animais e, portanto, não havendo a obrigatoriedade da inclusão de um médico veterinário na equipe, e/ou de planos preventivos/terapêuticos para o animal coterapeuta, o que culmina em práticas sem um profissional técnico habilitado para essa função. Essa ausência ou a falta de obrigatoriedade do médico veterinário na equipe multidisciplinar que realiza as IAA, expõe os animais e seres humanos a importantes riscos sanitários, além de condutas pouco assertivas durante a condução da prática (ROCHA, QUEIROZ, 2016).

Freitas (2019), afirma que os riscos mais, frequentemente, referidos na literatura, em relação às IAA com cães são, traumas causados pelos animais como mordeduras e

arranhões, assim como transmissão de doenças infecciosas, incluindo zoonoses e/ou outros patógenos presentes nos ambientes onde ocorrem as IAA. Além disso, a transmissão de agentes, pode ser bidirecional e os cães podem tornar-se portadores ou vetores mecânicos de agentes patogênicos, transmitindo-os entre humanos e/ou instituições, principalmente agentes multirresistentes comumente encontrados em meios hospitalares e que são responsáveis por grande parte das infecções nosocomiais (SOUSA *et al.*, 2019).

Ainda, percebe-se uma escassez de literatura acerca da análise do bem-estar dos animais coterapeutas, tornando subjetiva sua interpretação, e possibilitando que outros profissionais realizem essa função que deveria ser exclusiva do médico veterinário (REF). Outros profissionais são aptos para realizarem e ministrarem cursos sobre adestramento e comportamento animal, entretanto quando não houver a presença do médico veterinário, falhas poderão ocorrer devido a deficiência de conhecimento técnico a respeito da fisiologia e patologia dos animais, pois, somente o veterinário pode atestar a sanidade do animal e diferenciar alterações sutis de mudanças de comportamento de patologias, quando estes apresentarem desconforto, dor, irritabilidade ou estresse (KRUG *et al.*, 2021). Esses fatos podem tornar as práticas de IAA executadas com pouco embasamento teórico e, acarretar em riscos que seriam preveníveis se mediados pelo profissional adequado (FREITAS, 2019)

Dessa forma, uma vez que o médico veterinário faz parte da área da saúde juntamente com outros profissionais e, que essas atividades muitas vezes são desenvolvidas em hospitais, asilos e creches, locais onde os pacientes, comumente, estão imunocomprometidos, os animais devem passar por um protocolo rígido de controle de saúde com normas e rotina de segurança, para evitar acidentes e situação de risco à saúde, como a contaminação dos assistidos e do ambiente, a fim de diminuir os riscos de transmissão de zoonoses, reforçando assim a importância indubitável do médico veterinário como agente de prevenção (BRASIL, 1998; FREITAS, 2019; SILVEIRA, SANTOS e LINHARES, 2011).

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho é revisar a literatura, assim como discutir e elucidar a relevância do papel do médico veterinário dentro das equipes de intervenções assistidas por animais, uma vez que o conhecimento da interação entre saúde animal – humana e ambiente é exclusiva do médico veterinário, sendo esse profissional o mais preparado para gestão de riscos na perspectiva da *One Health*.

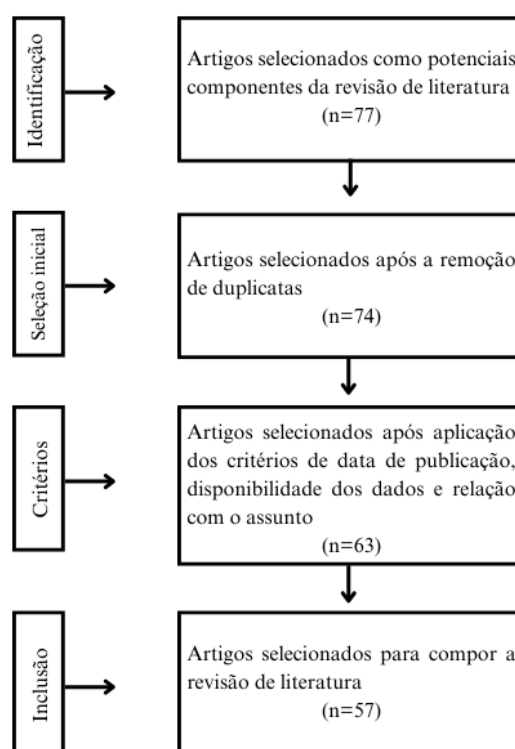
METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa. As revisões de literatura podem ser desenvolvidas a partir de diferentes objetivos, buscando sempre apresentar uma exposição detalhada da literatura acerca de um determinado assunto (GALVÃO, RICARTE, 2020). Dessa forma, ao analisar as possíveis metodologias de revisão de literatura e os objetivos do presente trabalho, optou-se pelo desenvolvimento de revisões de literatura integrativas, as quais objetivam, de um modo geral, sintetizar as informações acerca de um determinado tema científico, organizando-os sistematicamente (BATISTA, KUMADA, 2021). Assim, foram aplicadas seis etapas distintas para a realização do levantamento dos dados a respeito das IAA's, detalhadas a seguir: (1) estabelecimento de pergunta norteadora; (2) verificação da literatura disponível, em concordância com os critérios de seleção; (3) coleta de dados a partir dos artigos selecionados; (4) inspeção detalhada das informações contidas nos artigos selecionados; (5) discussão dos resultados encontrados na análise da literatura e (6) sumarização das informações e elaboração da revisão integrativa.

Para a construção do presente trabalho, realizou-se uma busca manual de artigos científicos publicados entre os anos de 2002 e 2022, em inglês e português. Para isso, foram utilizados estudos científicos presentes em diferentes bases de dados, sendo estas: PubMed, Scielo e Google Acadêmico. A investigação da literatura científica foi desempenhada por dois avaliadores. Na busca das literaturas para constituir esta revisão, foram utilizados termos e sentenças em português e em inglês como indexadores nas bases de dados. Os termos em português foram: “Pet terapia”, “Terapia assistida por animais”; “Intervenções assistida por animais e Veterinário”, “Psicologia canina”, “Médico veterinário na terapia assistida”. Em inglês, os termos usados foram: “*Animal Assisted Therapy*”; “*Animal Assited Interventions and Veterinarian*”; “*Canine Psychology*”; “*Veterinarian in Animal Assisted Therapy*”. Na soma dos resultados encontrados nas plataformas, obteve-se um total de 77 resultados que poderiam ser potencialmente utilizados no trabalho. A partir dessa primeira busca, foram estabelecidos os potenciais artigos, os quais foram submetidos à avaliação perante os critérios de seleção, o que resultou em 57 artigos para compor a presente revisão de literatura integrativa. Os critérios de inclusão utilizados foram: publicação do artigo entre as datas pretendidas, disponibilidade total dos dados e impacto na literatura acerca das

intervenções assistidas por animais. Assim sendo, os artigos que não se enquadraram na seleção supracitada foram excluídos da composição do trabalho. Para melhor compreensão da elaboração da presente revisão de literatura, a Figura 1 busca evidenciar tal processo, considerando os critérios de inclusão dos artigos.

Figura 1 - Diagrama de representação dos processos desempenhados na pesquisa de literatura acerca do papel do médico veterinário nas intervenções assistidas por animais para o desenvolvimento da presente revisão de literatura.



Fonte: Autores (2023)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O médico veterinário desempenha um papel primordial nas diversas áreas da saúde coletiva, tanto humana e animal. Este profissional, comumente está associado à prestação de cuidados clínicos da saúde animal, entretanto, suas atribuições vão além desse contexto específico (REF). No que tange a medicina de pequenos animais, o médico veterinário atua também como um agente crucial no elo interespecie, promovendo uma relação saudável e respeitosa entre ambas as partes, buscando dessa forma, assegurar a saúde física e psicológica do coletivo, assim como o bem-estar animal (MIRANDA, 2018).

A presença de animais de estimação tem sido amplamente estudada por seus efeitos benéficos na saúde humana, abrangendo tanto aspectos físicos quanto mentais

(SAVALLI, ADES, 2016). De acordo com diversos estudos , a interação com animais de estimação está associada a uma redução da ansiedade, depressão e estresse, proporcionando um ambiente mais calmo e tranquilizante (SILVA et al., 2018). Ainda, esta interação contribui para a redução das chances de doenças cardiovasculares, incluindo acidentes vasculares cerebrais (AVC), uma vez que apresenta potencial de reduzir a hipertensão arterial e os níveis séricos de cortisol (ANDERSON et al., 2019; FRIEDMANN et al., 2013). A relação interespecie, pode melhorar significativamente a socialização e a cognição de indivíduos em diferentes faixas etárias, aprimorando suas habilidades sociais e proporcionando uma sensação de conexão e pertencimento a grupos sociais, diminuindo assim, o sentimento de vazio e solidão (BELLETATO, BANHATO, 2019). Considerando esses efeitos positivos, a interação com animais de estimação passou a ser vista como uma estratégia terapêutica complementar para a medicina humana, denominada Intervenções Assistidas por Animais (IAA) (CHELINI, 2016).

As IAA's são abordagens que introduzem animais treinados nas áreas da saúde e educação, visando promover benefícios aos seres humanos em diferentes contextos clínicos e sociais (ALVES, 2022). Por abranger diversos setores, as IAAs podem ser utilizadas em áreas relacionadas ao desenvolvimento psicomotor e sensorial, tratamento de patologias físicas, transtornos mentais e emocionais (REF). As IAAs podem ser subdivididas em três categorias que são a Atividade Assistida por Animais (AAA), que se caracteriza em atividades que envolvem recreação, lazer e entretenimento dos assistidos; Terapia Assistida por Animais (TAA) que necessita de um planejamento prévio das atividades, o envolvimento de profissionais da saúde, possuindo um objetivo específico terapêutico e a Educação Assistida por Animais (EAA), que são atividades que buscam a melhora no processo de aprendizagem do indivíduo, envolvendo um profissional da educação e uso de animais (CAPOTE e COSTA, 2011; FREITAS., 2019). Essas práticas estão sendo inseridas em diversas instituições de saúde e desenvolvidas com diferentes tipos de pacientes como, por exemplo, crianças hospitalizadas, idosos e pacientes psiquiátricos, sendo de extrema importância garantir que estas interações sejam conduzidas por um grupo multidisciplinar, no qual diferentes profissionais atuem juntos, uma vez que o domínio referente aos aspectos relacionados às diferentes áreas implicará no sucesso da intervenção (CHELINI, 2016).

As IAA's no trabalho com crianças, segundo Purewal e colaboradores (2017), contribuem para socialização, redução de ansiedade, estresse, solidão e troca de afeto.

Nesse sentido, no contexto escolar foi observado efeito tranquilizante, principalmente em alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem, melhorando o comportamento, a concentração e a autoestima (FREUND et al., 2016). Pesquisas demonstraram respostas neurobiológicas positivas em crianças na presença de cães, relacionadas a redução potencial de sintomas e comportamentos associados a distúrbios emocionais (BUTTERLY, PERCY e WARD, 2013). Além disso, segundo um estudo realizado por Alves e colaboradores (2022), a presença dos animais trouxe um maior incentivo para o comparecimento de crianças deficientes à escola, visto que à frequência dos alunos passou de 67% para 80%. Já no âmbito da medicina humana, a TAA tem o potencial de reduzir os sintomas depressivos e melhorar o humor em crianças hospitalizadas que sofrem de doenças físicas crônicas, como distúrbios hematológicos e oncológicos, fibrose cística, diabetes, transplantes e outras afecções (NICOLETTI, MANUEL, 2019; KAMINSKI, PELLINO, WISH, 2002).

Em idosos, também observa-se benefícios gerados pela IAA, uma vez que esses indivíduos além de possuir patologias físicas associadas a senilidade, geralmente também apresentam distúrbios psicológicos devido ao isolamento, solidão, aposentadoria, perda da posição social, luto pela morte do companheiro, hospitalizações e mudança de lar, muitas vezes sendo obrigados a residir em instituições e lares para idosos (BANKS et al., 2002). De acordo com Orso e Santos (2021), destaca-se como efeitos positivos a redução da solidão, da ansiedade, dos níveis de estresse, da hiperatividade e da depressão, auxílio na doença de Alzheimer, motivação para atividades recreativas e conseqüentemente melhora da qualidade de vida dos mesmos, sempre englobando aspectos emocionais e fisiológicos. Ainda, tem sido relatado a redução dos níveis de triglicédeos, colesterol, pressão sanguínea, produção e liberação de endorfina, resultando em sensação de bem-estar e relaxamento, assim como redução no nível de cortisol, diminuindo a incidência de doenças cardiovasculares (SOBO, 2006). Sendo possível perceber, portanto, a importância desta temática para as políticas públicas de saúde de atenção ao idoso.

Entretanto, embora aspectos positivos sejam relatados e disseminados na comunidade acadêmica e médica a respeito das IAA's, é importante destacar que essas abordagens também apresentam riscos, os quais o médico veterinário é o profissional melhor capacitado para prevenir, uma vez que é o responsável pela saúde coletiva e, nenhuma outra profissão é tão bem treinada para gerenciar ou lidar com questões relacionadas a riscos de doenças e agravos envolvendo essa relação interespecie

(BEZERRA et al., 2021). Contudo, por conta da não obrigatoriedade de um médico veterinário em equipes multidisciplinar das IAA's, percebe-se, majoritariamente, a atuação de profissionais da área humana, o que expõe os indivíduos envolvidos a riscos em diversos contextos (FREITAS, 2019).

Souza e colaboradores (2021), relatam que os perigos mais descritos na literatura, em relação às IAA com cães são, traumas físicos causados pelos animais, assim como transmissão de patógenos e enfermidades infecciosas e zoonoses. Os animais que participam dos programas de IAA podem atuar como reservatórios ou portadores mecânicos de agentes infecciosos, disseminando patógenos para e entre os pacientes do estabelecimento de saúde e membros da equipe, assim como estão propensos a adquirir certos tipos de infecções, como por exemplo, infecções bacterianas multirresistentes, quando comparados aos animais de estimação da população em geral (LEFEBVRE et al., 2008).

Em relação aos traumas físicos, podem ocorrer o arranhão do animal em um indivíduo, mordeduras ou tentativas de mordedura, ou outras formas de agressão (FREDRICKSON-MACNAMARA, BUTLER, 2010). Estes riscos podem ser minimizados com a vigilância e supervisão do profissional médico veterinário, o qual deve se atentar nas interações percebidas como ameaçadoras para o cão, uma vez que este profissional possui o conhecimento para perceber sutis demonstrações de desconforto ou agressividade (CHUR-HANSEN et Al., 2014). Para melhorar o relacionamento entre animal e paciente assistido, é necessário compreender as necessidades biológicas emocionais e evolutivas dos animais coterapeutas. Devendo ser realizada a busca pelo respeito e cumprimento das cinco liberdades preconizadas pelo conselho de bem-estar animal, sendo elas: livre de fome e sede; livre de desconforto; sem dor, sem lesões e doenças; livre para expressar seu comportamento normal; livre de medo e estresse (CUNHA, ZANONI, 2017).

O animal coterapeuta deve ser treinado para ser sociável em áreas públicas, apresentar temperamento dócil, conseqüentemente, não deve apresentar medo, estresse ou agressividade, bem como obedecer aos comandos (GODDARD e GILMER, 2015). Nos animais, estresse é o estado gerado pela percepção de estímulos de desconforto ou dor, que provocam excitação emocional, acarretando no aumento de secreção de adrenalina, produzindo diversas manifestações sistêmicas, como por exemplo: fadiga, sede, elevação da temperatura corporal, urgência em urinar e defecar, patas suadas,

salivação excessiva, respiração ofegante, tensão muscular, tremores corporais, abertura da boca, inquietação, além de outras alterações comportamentais, como a agressividade em casos mais graves (KRUG et al., 2021; BUTTLER, 2004). Dessa forma, a equipe de IAA, durante as sessões, deve sempre conduzir e prestar atenção aos animais, observando sinais que podem demonstrar estresse, sendo importante que um dos membros da equipe, seja médico veterinário e, se ocupe exclusivamente do animal, uma vez que a maioria dos sinais de estresse apresentados pelo animal, podem ser confundidos com sentimentos de felicidade e agitação positiva (BUTTLER, 2004). A duração das atividades deve ter até no máximo uma hora, mas deve-se perceber quando é necessário interromper, a fim de reduzir o risco de comportamentos adversos associados à fadiga do animal (LEFEBVRE et al., 2008).

Em relação aos riscos de doenças infecciosas transmitidas e zoonoses, é importante compreender que a presença dos animais domésticos em diversos ambientes antrópicos, fez com que estes sofressem uma maior exposição às patologias infecciosas e, contribuíssem com a transmissão de diversas doenças zoonóticas (GOMES et al., 2022; MACPHERSON, 2005). De acordo com Costa e colaboradores (2017), as zoonoses são enfermidades que acometem de forma natural os animais vertebrados, podendo ser transmissíveis aos seres humanos e vice-versa, por via direta através de mordidas e/ou arranhões; contato direto com região contaminada, e por via indireta através de fômites, partículas, água contaminada, alimentos mal higienizados e superfícies contaminadas. O potencial zoonótico associado aos animais inclui infecções ocasionadas por bactérias (leptospirose, salmonelose, pasteurelose, doença estafilocócica, doença estreptocócica, etc), vírus (vírus da raiva), fungos (dermatofitose e esporotricose) e parasitas (toxocaríase, ancilostomíase, leishmaniose, giardíase e escabiose) (VALE, 2017).

Ainda, a transmissão desses agentes biológicos pode ser bidirecional, ou seja, os cães podem tornar-se portadores ou vetores mecânicos de agentes patogênicos, transmitindo-os entre humanos e instituições, o que é preocupante, principalmente quando se refere aos agentes multirresistentes como *Staphylococcus aureus* Resistente à Meticilina (MRSA) e *Enterococcus* Resistente à Vancomicina (VRE), os quais existem em meios hospitalares e são responsáveis por grande parte das infecções nestes locais (SILVA et al., 2022; LEFEBVRE et al., 2008). Há evidências de que os pacientes em instituições de saúde podem ser infectados através do contato com animais envolvidos em programas de IAA. Enoch e colaboradores (2005), relataram ter encontrado bactérias

MRSA no pelo, patas e narinas de cães envolvidos em programas de IAA após visitas a unidades de saúde. Chubak e colaboradores (2017), relataram que após inserir um cão em setor de oncologia para realizar IAA, 42% dos pacientes oncológicos, desenvolveram infecção durante os 14 dias após a visita do animal, não sendo confirmado a atribuição do animal nesse quadro.

Segundo Lefebvre (2009), cães coterapeutas nas IAA's, que visitaram instalações de saúde humana durante o período de 1 ano, tinham 5 vezes mais probabilidade de adquirir bactérias MRSA do que os cães envolvidos em outros tipos de programas de AAI, como programas de alfabetização infantil. Embora não seja possível afirmar que a colonização dos animais por MRSA aumente a probabilidade de infecção em pacientes humanos, ainda assim, essa possibilidade não pode ser descartada. Importante destacar que, alguns agentes como *Pasteurella* spp, bactéria constituinte da microbiota de gatos, cães e outros animais domésticos, é um organismo frequentemente associado a mordidas ou arranhões de animais, sendo o agente citado como causador de pneumonia e septicemia nos indivíduos acometidos (NAVARRO-NAVAJAS et al., 2019). Este microrganismo provoca infecções de pele e tecidos adjacentes ao local da inoculação, podendo alcançar a corrente sanguínea e se disseminar sistemicamente no organismo do paciente, progredindo rapidamente para quadros de osteomielite, endocardite, meningite, infecção respiratória, epiglote, pneumonia bilateral consolidada e formação de abscessos (YOKOSE, DAN, 2007).

De acordo com Silveira, Santos e Linhares (2011), para evitar acidentes e transmissão de patógenos e zoonoses, a permissão para os animais visitarem uma instituição, deve estar associada a exigência de um protocolo com normas rígidas e rotinas de segurança. Dentre os pontos importantes do protocolo de implementação do programa de IAA, destacam-se os critérios de inclusão e exclusão dos animais, condutores e dos pacientes; recomendações aos condutores e à equipe de saúde; responsabilidades da Comissão Controle de Infecção Hospitalar; quadro de zoonoses; calendário vacinal de cães; termo de responsabilidade para participação do programa e ficha de análise comportamental dos animais.

Entretanto, ainda não existem protocolos obrigatórios, regulamentados e efetivamente definidos com relação à investigação da saúde dos animais atuantes nas IAA (REF). Os princípios ainda são superficiais, gerais e inespecíficos, sendo na maioria das vezes indicado, apenas, que os animais estejam saudáveis, banhados, vacinados e

vermifugados, visitando regularmente ao veterinário e serem bem treinados (AAII, 2015). Os estabelecimentos de saúde que participam dos programas de IAA, divergem muito nos protocolos que utilizam para minimizar os riscos de infecção e lesão durante essas atividades. Algumas instituições optam por seguir as orientações recomendadas pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças, outros criam suas próprias diretrizes, as quais podem ou não ser baseadas nas evidências científicas disponíveis (MURTHY et al., 2015). Conseqüentemente, a proteção e segurança fornecida para pacientes e animais que participam de programas de IAA é altamente variável.

Além das discrepâncias nas políticas de regulamentação, o conhecimento dos tratadores de animais acerca das preocupações com doenças infecciosas e a adesão às políticas de controle de infecções, variam dentro das instituições. Lefebvre e colaboradores (2006), constataram que 20% (18/90) dos tratadores avaliados em seu estudo não praticavam nenhum controle de infecção e que, 40% (7/20) desses tratadores não foram capazes de citar uma doença zoonótica ou patógeno que poderia ser transmitido por meio de seu cão. Em concordância, Boyle e colaboradores (2019), relataram que 70% (28/40) dos tratadores avaliados não expressaram nenhuma preocupação em relação à transmissão de doenças infecciosas em ambientes de IAA, demonstrando assim, a importância de possuir um profissional adequado e capacitado a fim de assegurar a proteção e a saúde dos envolvidos.

Segundo Freitas (2019), o acompanhamento da saúde do animal deve ser anual, com exames de fezes, uso de medicamento antiparasitário e atualização das vacinas de acordo com o calendário vacinal para a espécie e estágio de vida. Além disso, o exame parasitológico de fezes deve incluir pesquisa para bactérias. Se o resultado do exame de fezes for positivo para qualquer parasito, não deverá ser permitida a entrada do animal nas instituições, devendo ser avaliado novamente por um médico veterinário, antes de retornar para a atividade. Lefebvre e colaboradores (2008), afirmam que avaliações de temperamento aplicadas por profissionais devidamente capacitados, como médicos veterinários, são necessárias para avaliar o comportamento de animais coterapeutas nas IAA. Nesse sentido, os veterinários que cuidam de animais envolvidos em programas de IAA, têm um papel importante na identificação de comportamentos que podem representar futuras agressões aos pacientes e, que podem ter passado despercebidos ou não relatados, ou ainda podem não ter sido evidentes durante avaliações de temperamento anteriores (VASCONCELLOS, 2016; FARACO et al., 2009).

De acordo com Silva et al., (2017), o exame físico de animais terapeutas deve ser realizado frequentemente, uma vez que serão maiores as oportunidades para os veterinários identificarem problemas que possam afetar a segurança dos programas de IAA, para os animais e pacientes participantes. Durante o exame físico dos animais, os veterinários devem procurar sinais clínicos sugestivos de ectoparasitas zoonóticos, como pulgas, carrapatos e ácaros, e sinais evidentes de outras infecções potencialmente zoonóticas. O histórico clínico do animal deve ser completo, incluindo detalhes sobre dieta, estilo de vida e comportamento. Deve ser realizada a limpeza dos dentes e orelhas, castração e corte de unhas. Sendo assim, a presença do profissional veterinário é fundamental, desde a seleção dos animais para o trabalho até o seu acompanhamento durante todo o decorrer das atividades terapêuticas. O médico veterinário deve ser responsável por monitorar a saúde e o bem-estar de todos os animais que participam dos programas de IAA e garantir, na medida do possível, que tanto comportamental quanto fisicamente, esses animais possam interagir com segurança com os participantes humanos (REF).

CONCLUSÃO

Com a presente revisão bibliográfica, pode-se afirmar a importância do papel do médico veterinário nas atividades de IAA, permitindo que os animais estejam aptos a realizar seu trabalho com excelência, contribuindo de forma saudável para o avanço positivo na saúde dos pacientes em tratamento e para melhor qualidade de vida dos mesmos. A participação do médico veterinário é fundamental para proteger e, eventualmente, prevenir que os indivíduos envolvidos, tanto homem quanto animal, sofram qualquer dano em relação à saúde física e mental.

REFERÊNCIAS

AAII - Animal Assisted Intervention International. **General Standards of Practice for Animal Assisted Activity**, Animal Assisted Education, Animal Assisted Therapy and Animal Support. 2015

ALVES, L. C. **Intervenção assistida por animais: aplicabilidade da TAA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Centro Universitário Do Planalto Central Aparecido Dos Santos – UNICEPLAC, 2022.

ALVES, N. D. *et al.* Melhorias do aprendizado com crianças com deficiência através da terapia assistida por animais. **Omnia Sapientiae**, v. 2, n. 1, p. 77-85, 2022.

AMERICAN VETERINARY MEDICAL ASSOCIATION (AVMA), 2018. Disponível em: <https://www.avma.org/KB/Policies/Pages/Animal-Assisted-Interventions-Definitions.aspx>. Acesso em: 28/07/2023.

ANDERSON, W. P.; REID, C. M.; JENNINGS, G. L. Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. **The Medical Journal of Australia**, v. 211, n. 7, p. 297-301, 2019.

BANKS, M. R.; BANKS, W. A. The effects of animal-assisted therapy on loneliness in an elderly population in long-term care facilities. **J Gerontol**, v. 57, n. 7, p. 428-32, 2002.

BATISTA, L. S.; KUMADA, K. M. O. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC)**, v. 8, p. 1-17, 2021.

BELLETATO, L.; BANHATO, E. F. C. Transtorno de ansiedade social (TAS) ou fobia social: contribuições da terapia assistida por animais (TAA). **Cadernos de Psicologia –CESJF**, v. 1, n. 1, p. 96-114, 2019.

BEZERRA, N. P. C. *et al.* One Health: conceito, história e questões relacionadas – revisão e reflexão. **Pesquisa em Saúde & Ambiente na Amazônia: perspectivas para sustentabilidade humana e ambiental na região**, v. 1, n. 1, p. 219-240, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. Resolução nº 287, outubro de 1998. Brasília. 1998.

BRASIL. Presidente da República. Lei nº 18.830, 13 de maio de 2019.

BOYLE, S. F. *et al.* Evaluation of risk of zoonotic pathogen transmission in a university-based animal assisted intervention (AAI) program, **Front. Vet. Sci**, v. 6, n. 167, 2019.

BUTTERLY, F.; PERCY, C.; WARD, G. Brief report: do service dog providers placing dogs with children with developmental disabilities use outcome measures and, if so, what are they. **Journal of Autism & Developmental Disorders**, v. 43, p. 2720–2725, 2013.

- BUTTLE, K., *Therapy Dogs Today: Their Gifts, Our Obligation*. Norman, **OK: Funpuddle Publishing**, 2004.
- CAPOTE, P. S. O.; COSTA, M. P. R. *Terapia Assistida por Animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual*. São Carlos: **Ed. da UFSCar**, 2011.
- CHELINI, M. O. M. Apresentação. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. (Coords.). *Terapia assistida por animais*. Barueri: **Manole**, p. XIII-XVIII, 2016.
- CHUBAK, J. *et al.* Pilot study of therapy dog visits for inpatient youth with cancer, **J. Pediatr. Oncol. Nurs.**, v. 34, n. 5, p. 331–341, 2017.
- CHUR-HANSEN, A. *et al.* Animal-assisted interventions in children's hospitals: A critical review of the literature. **Anthrozoös**, v. 27, n. 1, p. 5-18, 2014.
- COSTA, G. J. A. *et al.* Avaliação da percepção sobre zoonoses com agentes de saúde, combate a endemias e docentes de escola públicas, do entorno da Estação Ecológica de Caetés, Região Metropolitana do Recife-PE, Brasil. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 11, n. 1, p. 67-75, 2017.
- CUNHA, J. S. F.; ZANONI, E. Ensaio de uma cosmovisão teleológica para elaboração de uma legislação específica da TAA (Terapia Assistida por Animais). **RJLB**, v. 3, n. 6, p. 1287-319, 2017.
- DA SILVA, N. C.; MADRID, M. M.; SANTOS, M. C. C. da; DE ALMEIDA, L. F.; DE SOUZA, O. V. N. L. O papel profissional do médico-veterinário na atividade de Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista de Educação Continuada em Medicina**, v. 15, n. 2, p. 24-30, 2017.
- DIVINO, L. Pandemia e o crescente aumento na adoção de animais domésticos. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, n. 30, p. 33-35, 2020.
- ENOCH, D. A. *et al.* MRSA carriage in a pet therapy dog. **Journal of Hospital Infection**, v. 60, n.2, p.186-188, 2005.
- FARACO, C. B., PIZZINATO, A., CSORDAS, M C, MOREIRA, M C., ZAVASCHI, M. L. S., SANTOS, T., et al. (2009). Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre - **TAA Parte III. Saúde Coletiva**, 6(34), 231-236.
- FREDRICKSON-MACNAMARA, M.; BUTLER, K. Animal selection procedures in animal-assisted interaction programs. **Em: Handbook on animal-assisted therapy**. Academic Press, p. 111-134, 2010.
- FREITAS, M. G. de. Estudo de riscos da relação humano-animal em intervenções assistidas por cães. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2019.

FREUND, L. S. *et al.* The social neuroscience of human-animal interaction. **American Psychological Association**, 2016.

FRIEDMANN, E. *et al.* Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. **Public Health Reports**, v. 95, n. 4, p. 307-312, 2013.

GALVÃO, M. C. B; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2020.

GODDARD A. T.; GILMER, M. J. The Role and Impact of Animals with Pediatric Patients. **Pediatr Nurs**, v. 41, n. 2, p. 65–71, 2015.

GOMES, L. G. O. *et al.* Zoonoses: as doenças transmitidas por animais. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 25, n. 2, p. 158-174, 2022.

KAMINSKI, M.; PELLINO, T.; WISH, J. Play and pets: The physical and emotional impact of child-life and pet therapy on hospitalized children. **Children's health care**, v. 31, n. 4, p. 321-335, 2002.

KRUG, F. D. M.; SCHMITT, C.I.; CAPELLA, S.O. RONDELLI, M.C.H.; NOBRE, .O. Pandemia de Covid-19: o comportamento de cães e a relação com seus tutores durante o isolamento social. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e508101420162-e508101420162, 2021.

KRUG, F. D. M. *et al.* Intervenções assistidas por animais em pacientes com transtornos mentais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 4926-4936, 2019.

LEFEBVRE, S. L. *et al.* Characteristics of programs involving canine visitation of hospitalized people in ontario, **Infect. Control Hosp. Epidemiol**, v. 27, n. 7, p. 754–758, 2006.

LEFEBVRE, S. L. *et al.* Evaluation of the risks of shedding salmonellae and other potential pathogens by therapy dogs fed raw diets in ontario and alberta, **Zoonoses and Public Health**, v. 55, n. 8–10, p. 470-480, 2008.

LEFEBVRE, S. L. *et al.* A veterinary perspective on the recently published guidelines for animal-assisted interventions in health-care facilities, **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 233, n. 3, p. 394-402, 2008.

LEFEBVRE, S. L. *et al.* Incidence of acquisition of methicillin-resistant *Staphylococcus aureus*, *Clostridium difficile*, and other health-care-associated pathogens by dogs that participate in animal-assisted interventions. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 234, n. 11, p. 1404-1417, 2009.

LIMA, C. M. de *et al.* Educação assistida por animais: estratégia promissora no âmbito escolar. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 8, n. 4, p. 54-57, 2018.

MACPHERSON, C. N. L. Human behavior and the epidemiology of parasitic zoonoses. **International Journal for Parasitology**, v. 35, p. 319-1331, 2005.

MIRANDA, M. A contribuição do médico veterinário a saúde única-one health. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, p. 34-34, 2018.

MURTHY, R. *et al.* Animals in healthcare facilities: recommendations to minimize potential risks. **infection control & hospital epidemiology**, v. 36, n. 5, p. 495-516, 2015.

NAVARRO-NAVAJAS, A.; ARIZA-ORDOÑEZ, N.; BARRERA, C. Bacteriemia por *Pasteurella multocida* asociada al contacto con un animal doméstico. **Revista chilena de infectología**, v. 36, n. 5, p. 667-669, 2019.

NICOLETTI, M. A.; MANUEL, P. R.. Terapia assistida por animais (TAA) ou atividade assistida por animais (AAA): incorporação nas práticas integrativas e complementares no SUS. **Infarma-Ciências Farmacêuticas**, v. 31, n. 4, p. 248-258, 2019.

ORSO, J. L. Terapia Assistida por Animais aplicada em idosos: uma revisão integrativa da literatura. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2021.

PUREWAL, R. *et al.* Companion animals and child/adolescent development: A systematic review of the evidence. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 3, p. 234, 2017.

ROCHA, C. F. P. G., QUEIROZ, M. R. A saúde do animal participante. In: CHELINI, M. O. M., OTTA, E. Terapia Assistida por Animais. Barueri, SP: Manole. 2016. p. 99 – 129.

SAVALLI, C.; ADES, C. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para a saúde e bem-estar do ser humano. In: OTTA, E.; CHELINE, M. O. M. **Terapia Assistida por Animais**. Barueri, SP: Manole, 2016. Cap. 2, pág. 23-44.

SILVA, N. A. *et al.* A RELAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS NA EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 7, n. 1, p. 71-78, 2018.

SILVA, V. *et al.* MRSA in humans, pets and livestock in Portugal: Where we came from and where we are going. **Pathogens**, v. 11, n. 10, p. 1110, 2022.

SILVEIRA, I. R.; SANTOS, N. C.; LINHARES, D. R. Protocolo de Programa de Assistência auxiliada por animais no hospital universitário. **Revista Escola Enfermagem USP**, v. 45, n. 1, p. 283-288, 2011.

SOBO, Elisa J.; ENG, Brenda; KASSITY-KRICH, Nadine. Canine visitation (pet) therapy: pilot data on decreases in child pain perception. **Journal of holistic nursing**, v. 24, n. 1, p. 51-57, 2006.

SOUSA, A. T. H. I. *et al.* Perfil de resistência antimicrobiana de *Klebsiella pneumoniae* isoladas de animais domésticos e silvestres. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 71, p. 584-593, 2019.

SOUZA, C. C. N. de. *et al.* O conhecimento dos profissionais da saúde humana sobre as intervenções assistidas por animais. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, 2021.

VALE, T. L. N. Aspectos Relativos À Saúde De Cães Para A Inserção No Projeto Entrelaço: Proteção E Contenção De Riscos. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém: 2017.

VASCONCELLOS, A.S. O bem-estar do animal co-terapeuta. In: CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. *Terapia Assistida por Animais*. Barueri, SP: Manole, 2016 p. 149-171.

YOKOSE, N.; DAN, K. *Pasteurella multocida* sepsis, due to a scratch from a pet cat, in a post-chemotherapy neutropenic patient with non-Hodgkin lymphoma. **International journal of hematology**, v. 85, p. 146-148, 2007.